



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8640 - Trabalho Completo - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT 21/GT 23 - Educação, Gênero, Etnia e Sexualidade

APRENDIZADOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO DA REDE SOCIAL FACEBOOK

Aldo Cativo da Silva Filho - UEPA - Universidade do Estado do Pará

APRENDIZADOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO DA REDE SOCIAL FACEBOOK

Resumo

Este estudo parte de uma investigação de páginas e grupos da rede social *Facebook* que delineiam aspectos formativos no campo do gênero e da sexualidade. Destaca-se uma página de cunho militante e educacional para realizar a análise interpretativa de *posts*, observando a existência de processos de ensino e aprendizagem sobre a temática gênero e sexualidade. Trata-se de uma discussão teórica e crítica dentro do contexto das relações virtuais, utilizando a teoria *queer* para fundamentação teórica e reflexões sobre relações de poder, ciberespaço e educação. Este é um estudo interpretativo que se baseia em procedimentos metodológicos da etnografia virtual, fenomenologia social e do método documentário de interpretação para reunião e análise de dados.

Palavras-Chave: Gênero e sexualidade. Teoria *Queer*. Ciberespaço.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, investigamos sobre as possibilidades de construção de conhecimento em relações interpessoais que ocorrem nas redes sociais, particularmente no Facebook. Realizamos uma discussão teórica, crítica e argumentativa sobre o debate do gênero e sexualidade dentro do contexto das relações virtuais.

Através de *posts* de uma “página” da rede social *Facebook*, apontamos a discussão de temas como feminismo, gênero e identidade sexual no contexto de

mídias sociais de comunicação e do ciberespaço (LÉVY, 1999) relacionando-os com processos de ensino e aprendizagem. Pretendemos a partir desse trabalho possibilitar debates críticos sobre a maneira como pode ser entendido o fenômeno das relações e práticas de educação no ciberespaço.

Nesse sentido, nos propomos a investigar como se dão processos de ensino e aprendizagem sobre a temática gênero e sexualidade no contexto virtual da rede social *Facebook*. Para isso, através da técnica de observação como pesquisador *lucker* e utilizando conceitos da etnografia virtual (POLIVANOV, 2013), fizemos levantamento de seis páginas de da rede social *Facebook* que possuem características, militantes, progressista e de defesa dos direitos humanos.

A partir desse levantamento e a observação desta rede social, optamos por representar para este trabalho a análise de uma página que demonstra possuir cunho militante LGBTQI+^[1] e educacional, chamada “Cartazes & Tirinhas LGBT”^[2].

Configurações metodológicas

No caso desta pesquisa não investigamos pessoas em si, mas atividades e fenômenos realizados por indivíduos em suas atividades humanas no ciberespaço, sendo as relações cotidianos que sujeitos constroem nas publicações virtuais o nosso objeto de pesquisa.

A investigação configura-se como uma pesquisa qualitativa, com enfoque fenomenológico, pois a Fenomenologia Social nos sugere a apreensão dos fenômenos de forma crítica (SCHÜTZ, 1979). Utilizamos um conceito fundamental da etnografia virtual, a observação atenta (POLIVANOV, 2013). Segundo a autora “todo e qualquer tipo de observação é participante e que tal abordagem é central para o método etnográfico” (POLIVANOV, 2013, p. 64), contrapondo e complementado há a posição de que em uma pesquisa havendo distanciamento ou pouco envolvimento, o pesquisador caracteriza-se como um *distanced research*^[3], onde “há a observação das interações sociais em determinado ambiente online pelo pesquisador, mas essa observação não é participante” (MORTAN, 2001, apud POLIVANOV, 2013, p. 65).

Agimos na investigação como um observador, no intuito de observar e apreender os processos de aprendizagem no meio virtual. Este pesquisador observador e participante pode ser definido como *lucker*, que segundo Polivanov (2013, p. 64) “pode também optar por se identificar e informar aos participantes sobre a realização de sua pesquisa sem, no entanto, se manifestar dentro do grupo”. Neste caso não nos apresentamos para o grupo da página escolhida, contudo como um usuário da rede, sou intrinsecamente um participante deste grupo.

Além disso, pode-se ressaltar que a Etnografia Virtual, é uma maneira de também trabalhar a etnografia (POLIVANOV, 2013), concebendo a *internet* como um lugar que acontecem interações, não só um objeto e nem só uma cultura, mas as duas coisas. (LÉVY, 1999).

Para instrumento de coleta de dados, utilizamos um roteiro de observação. Partindo do princípio que para compreendermos visões de mundo coletivas, necessitamos conceituar teoricamente o conhecimento ateuórico, utilizou-se do

método documentário (MANNHEIM, 1964; BOHNSACK, 2013) para análise de dados.

Deste modo, na posição de observador e analista do contexto da página investigada, construiu-se uma reflexão crítica a partir das publicações da página selecionada. No método documentário, para o processo de interpretação, existem três “níveis de sentido”. Sendo estes o nível objetivo, expressivo e o nível documentário. Bohnsack (2013) classifica quatro passos para alcançar o nível documentário, sendo esses: a) organização temática; b) interpretação formulada; c) interpretação refletida; d) análise comparativa. Neste texto, apresentamos os resultados obtidos após a realização dos três primeiros passos apontando questionamentos que poderão nortear interpretações futuras.

Aprendizados no ciberespaço

O Ciberespaço é considerado por Lévy (1999) um lugar não físico, mas também um ambiente real que pode ser vivenciado e presenciado de maneira intensa tal qual nas relações não virtuais. Por mais que existam diferenças nas maneiras como as pessoas estabelecem interações interpessoais dentro e fora da rede, compreendemos que essas conexões sociais podem ser construídas de maneira potente no que consiste a expressão de identidades de gênero e sexualidade em ambos ambientes.

Virtualmente é possível contribuir na construção e transformação da realidade material, por meio de reflexões, debates organizações e interações. No contexto das redes sociais é encontrado um local propício para o nascimento e amadurecimento de formas de pensar *queer*.

O ciberespaço segundo Soares (2006) é uma “via de acesso”, onde através do contato com outras informações e linguagens, sujeitos heterogêneos de diversas partes do mundo podem socializar e constituir uma relação de troca de informações, de educação e aprendizagem.

As redes sociais para Lima (2011) podem ser definidas como espaços públicos que servem para, principalmente jovens, manterem contato com amigos já existente ou construir novas amizades. A autora afirma que:

É comum os jovens irem construindo sua identidade social neste tipo de ambiente virtual. Para muitos jovens, encontrar seus amigos em sites de redes sociais é como ir ao shopping para encontrar seus amigos e colegas da escola ou do bairro (LIMA, 2011, p. 33).

Com relação a essas vivências online, ressaltamos que são constituídas por usuários, sujeitos estes atravessados por suas experiências pessoais no “mundo material”, que possuem bagagens históricas, humanas, sociais, afetivas, econômicas, culturais e intelectuais que aparecem também em suas relações nos ambientes virtuais.

Portanto, a internet ou o ciberespaço, caracteriza-se como um lugar real e continuação do ambiente material em que vivemos, onde, a maioria dos aspectos de relações humanas que produzimos a cada instante também são produzidos e vivenciados no “mundo virtual” (LÉVY, 1999).

No ciberespaço encontramos vários endereços voltados ao trato de assuntos antes reconhecidos em nossa sociedade como tabus, por exemplo, a sexualidade humana, a orientação sexual, as identidades de gênero, os papéis sexuais e os feminismos, sendo difundidos por meio de conversas, debates e discursos sejam eles em comunidades pensadas para aprendizagem ou relacionamento, busca de informação ou entretenimento.

Para Berto Júnior (2014) algumas páginas da rede social *Facebook* podem agir como atores de subversão e desconstrução do gênero e da sexualidade. A rede de social, em alguns casos, atuaria como uma mídia não tradicional que possibilita o levantamento de questionamentos e debates em um nível global sem a presença ou ingerência de atores sociais que regulamentam as pautas que podem ou não serem discutidas. Para o autor

(...) as redes sociais podem ajudar na construção de novas realidades, e, mais precisamente (...) podem deixar aflorar pensamentos queer, através da discussão e reflexão acerca das questões de gênero. (...) as relações sociais estão mudando com a popularização dessas novas tecnologias da informação, como Twitter, Instagram e, no caso do estudo aqui proposto, o Facebook, fazendo com que as pessoas ganhem mais um canal para difusão e absorção de conhecimentos. (BERTO JÚNIOR, 2014, p. 2)

O levantamento de grupos e páginas da rede social *Facebook*, que versassem sobre as temáticas em estudo, identificou uma diversidade de páginas e grupos de todos os tipos e formatos, de caráter conservador ou progressista. Escolhemos buscar por grupos e páginas estritamente educacionais ou de cunho militante e educacional além daquelas que tenham foco no entretenimento e militância. Neste grupo encontramos quatro páginas que tinham entre 150 mil e 10 milhões de seguidores.

Após esse levantamento, observamos potencial de reflexão e debate em uma das páginas, no que se refere a temática que ora apresentamos, a página “Cartazes & Tirinhas LGBT”, de acesso público, ou seja qualquer pessoa com acesso a internet pode observar grande parte conteúdo desta página, mesmo sem fazer um *login* no *Facebook*. Ela possui 744 mil seguidores, os autores e administradores da página são anônimos, o que significa que optaram (caso seja mais de uma pessoa) por não se identificar. Ela também possui um endereço no Twitter, também de acesso livre e uma comunidade privada no *Facebook* cuja participação é restrita àqueles que possuem uma conta na rede social.

No item “sobre” onde encontram-se informações da página e link para outras redes, encontra-se a indicação de que a página foi criada em 2012. Logo abaixo, no item mais informações, a frase “*Cartazes, tirinhas, charges e vídeos LGBT e contra todo tipo de preconceito! Envie sua contribuição por mensagem e vamos combater a ignorância!*” anunciam a natureza da atuação da página: considerar o preconceito uma ignorância que precisa ser combatida por meio da produção de textos e imagens.

O caráter educativo encontra-se inicialmente na opção de linguagem escolhida pelos autores da página, que ao utilizar de diversos gênero linguísticos, tem provavelmente como um objetivo propor esclarecimentos e debates sobre gênero e sexualidade, é possível observar isso em: “*vamos combater a ignorância!*”

O conteúdo da página é bastante variado, exibindo postagens de fotos, vídeos, textos, enquetes, áudios de som e voz, convites e folders de divulgação de

eventos - que podem ser acessados através de *links*, onde o usuário é direcionado a outro ambiente para relações sobre o evento específico - assim como compartilha notícias

Figura 1: Página



Fonte: Site do Facebook

A opção de utilizar na foto de capa (primeira imagem visualizada ao topo de uma página) um punho cerrado, recebe todos os visitantes anunciando que se trata de uma página que apoia, que é solidária, que desafia o contexto e que se coloca lado a lado para resistir. O uso das cores do arco íris delimita que seu apoio e solidariedade, luta e resistência está direcionado as pessoas homossexuais, bissexuais, transgêneros e todas as outras identidades de gênero ou sexualidade existentes na comunidade LGBTQI+. Da mesma forma o logotipo utilizado para identificar a página é um punho cerrado, tendo no fundo um arco íris e a as letras LGBT posicionadas em frente as duas imagens.

Ao longo do *feed* (tela onde aparecem todas as publicações da página, da mais recente à mais antiga) encontramos modos de interação e aprendizagem como encontra-se na postagem que apresenta a foto de um casal homoafetivo lésbico, onde duas noivas, uma negra e outra branca, vestidas de branco, se olham felizes. A foto é acompanhada da seguinte legenda: “*Quem aqui se casou esse ano? Mostra pra gente as fotos.* Foi possível perceber que se trata de um *post* de “interação” onde os usuários respondem ao publicador e trocam mensagens entre si, no intuito de manter um ambiente de conversa, diálogo e troca de experiências.

A parte borrada na imagem trata-se da resposta de um “seguidor” da página que compartilhou sua foto pessoal de casamento, assim como muito dos outros 42 comentários compartilhados nessa publicação específica, até aquele momento.

Figura 2: Casal - Interação sobre casamento



Fonte: Site do Facebook

Nesta imagem identifica-se como metáfora de foco, ou seja o ponto chave do discurso imagético desta publicação, a celebração do amor entre pessoas do mesmo sexo, no caso entre mulheres e o orgulho pelo casamento LGBT+, um direito legal conquistado recentemente no Brasil. A chamada para que outros internautas compartilhem suas próprias experiências, demonstra uma preocupação em destacar a diversidade e o exercício visibilidade já que pouco se dar a ver de cerimônias de casamento em que pessoas do mesmo sexo formem os casais.

Figura 3: A importância da educação contra o preconceito



Fonte: Site do Facebook

Nesta imagem intitulada “educação sexual infantil”, dois quadrinhos apresentam uma professora em sala de aula. No primeiro a professora em trajes eróticos desenha no quadro posições sexuais e utiliza uma mamadeira com o bico no formato do órgão genital masculino e um objeto com o mesmo formato, faz alusão a uma notícia falsa, largamente divulgada nas eleições de 2018, como modo de ataque de candidatos e aliados conservadores contra candidatos de caráter progressistas. Além disso, o escrito “o que é *golden shower*” faz referência a um episódio que envolve o presidente da república, Jair Bolsonaro, que fez esta pergunta em sua rede social, associando pornografia ao carnaval em 2019.

Neste quadro “como acham que é”, seria uma forma irônica de representar como os ideais conservadores, através da instalação do pânico moral tentam demonstrar como seriam práticas de ensino sobre sexualidade, ou seja, professoras feministas ensinaram a crianças o ato sexual em si.

No segundo uma professora em trajes normais, escreveu no quadro “não é não” fazendo menção a campanha contra o assédio de mulheres em 2017 e que tomou força no carnaval de 2018 e está fazendo referência a falas feministas sobre o controle do próprio corpo e luta contra a cultura do estupro. Deste modo é demonstrado uma aula de educação sexual segundo uma visão progressista e de defesa dos direitos humanos, onde uma professora estaria ensinando a alunos crianças como aprender a se proteger de abusos sexuais.

Ao comparar “como acham que é” e “como realmente é”, subtítulo de cada quadrinho, demonstra um movimento de orientação e formação sobre conceitos específicos, ou seja, um processo formativo e educativo, utilizando do artifício ironia e humor, comum nos ambientes virtuais e redes sociais. A tirinha ao mesmo tempo em que tem o intuito de conscientizar acerca da importância de trabalhar o tema sexualidade em sala de aula, também aponta a noção de senso comum influenciada pelo pensamento conservador e preconceituoso acerca deste fenômeno.

É possível inferir a conscientização sobre a importância da educação sexual nas escolas, bem como o combate à noções irreais conservadoras acerca de pautas progressistas como o ensino de gênero e sexualidade. Os usuários ao interagirem com essa publicação tem a oportunidade aprender noções sobre diversidade sexual, mas também de pensar e refletir a importância de seu ensino e aprendizado na sociedade.

Figura 4: Explicação sobre a sigla LGBT



Fonte: Site do Facebook

A última imagem selecionada, é uma ilustração da sigla LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), fazendo uma explicação sobre seu significado para além do que cada letra representa, agrupando aquelas que se referem a orientação da sexualidade, L e G, de Lésbicas e gays, que são pessoas homossexuais e B, de pessoas bissexuais (lembrando que a orientação da sexualidade inclui ainda os heterossexuais) e deixando em separado a letra T, de travestis e transexuais, por se referir a identidade de gênero. Tal separação explica que embora participantes de um mesmo grupo de exclusão social e vítimas do preconceito, não significam a mesma coisa. Também demonstram a opinião política e ideológica da página ao não apenas descrever o significado, mas denunciar o preconceito, pois acompanha a imagem tendo em vista que o *post* explícita através de sua descrição, o preconceito que cada sujeito da sigla sofre, homofobia ou transfobia, seja por sua orientação sexual ou identidade de gênero, na sociedade por muitas vezes discriminatória. Além disso distinguem as cores das bandeiras que se referem a orientação sexual (arco íris) ou identidade de gênero (azul, rosa e branco). Tais cores são a marca do movimento militante de rua, em suas bandeiras.

Utilizar de tais elementos em uma publicação indica aproximação com uma experiência militante e crítica, assumindo os riscos de demonstrar suas opiniões mesmo diante de uma sociedade conservadora, ou seja, faz opções políticas de resistência, solidariedade e crítica. Devemos acrescentar ainda que a explicação da sigla demonstra intencionalidade de conscientização sobre o significado de que, cada letra, representa um universo e uma comunidade dentro do grupo LGBTQI+, mas também possui o propósito de atuar na conscientização política e combate ao preconceito.

(In)conclusões

A formação sobre gênero, sexualidade e diversidade no âmbito da internet vem ganhando bastante força e significado, principalmente entre os jovens. A página analisada possui práticas discursivas educativas, embora não seja seu intuito formal e possui um papel de destaque na construção de conhecimento de modo positivo, com respeito a seus direitos e valorização de sua existência. Por meio de escolhas

críticas e ideológicas, sem medo de demonstrar suas opiniões e, sobretudo valorizando as novas culturas que emergem no mundo contemporâneo, podem ser agentes transformadores das realidades sociais.

Existem incontáveis lugares na internet onde vem acontecendo processos educativos e que precisamos voltar uma atenção especial de investigação, principalmente porque muitas vezes são assuntos importantes com potencial transformador da sociedade e que se tratados de uma maneira cuidadosa pode servir para emancipação e empoderamento pessoal dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BERTO JÚNIOR, Hedilberto Pessoa. *O queer em rede: subversão e (des)construção do gênero na página do Facebook Travesti Reflexiva*. Revista Periódicus, ano 1, no 2, 2014

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de [et al.]. *Direitos humanos das mulheres e das pessoas LGBTQI: inclusão da perspectiva da diversidade sexual e de gênero na educação e na formação*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Ana Maria de Albuquerque. *Cyberbullying e outros riscos da Internet despertando a atenção de pais e professores*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, gênero e sexualidade*. Porto: Porto Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

MISKOLCI, Richard. *Marcas da diferença no ensino Escolar*. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

POLIVANOV, Beatriz. *Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos conceitos*. Esferas, ano 2, no 3, 2013.

SOARES, Suely Galli. *Educação e comunicação. O ideal de inclusão pelas tecnologias de informação: otimismo exacerbado e lucidez pedagógica*. São Paulo: Cortez, 2006.

[1] De acordo com Eulina de Carvalho (2016) LGBTQI+ é uma maneira atualizada e mais inclusiva para designar a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, *Queer*, Intersexo e outros

[2] Disponível em:

[3] Em livre tradução: um pesquisador a distanciado .